

# EUNUCO, DONA EUNICE E DE COMO SE DEU A CANNABIS NA ESTÓRIA

POR GUTO CAVALCANTI\*

A vida nos proporciona alguns fatos engraçados e, por mais que você não queira começar a contar, você vai acabar contando. Eu não sei quanto tempo eu vou demorar para narrar a estória dessa família, não sei se vou contar em capítulos, nem sei se vou contá-la inteira, só sei que me deu vontade de começar a escrevê-la. Vou escrever por vontade e por gratidão à minha memória que tem se mantido fiel em meus anos de vida. Sempre que eu penso ser tolice começar a escrever, me vem o medo de minha memória me abandonar, julgando imperdoável tamanho desprezo e arrogância eu ter encontrado algo de maior valor na vida, então, eu narro.

A estória que eu vou contar é sobre Eunuco. O nome, quem escolheu foi seu pai, que se chamava Nurandir. Assim, surgiu a brilhante idéia de unir o nome da mãe com o do pai e, o cu, como normalmente se fala o seu nome, ninguém explica até hoje. Dona Eunice, uma dona que completou quarenta e nove anos mes passado, aproveitava seu tempo com suas aulas de Gramática e seus afazeres de casa. Por sorte do rapaz, desde pequeno ele é conhecido como Nuco. O pai de Nuco morreu quando ele fizera dezesseis anos, o que fez dele, hoje com vinte e um anos, um exemplar chefe da casa e rapaz muito culto, pois ele passou a se empenhar muito em seus estudos. Na casa viviam Nuco e dona Eunice. Eles moram, há muito tempo, no mesmo bairro, de casas humildes e pessoas simples, esses em que é difícil passar pela rua e não encontrar um grupo de pessoas divididas entre filhos, avôs e pais, sentados naquelas cadeiras cuja armação é de alumínio e o encosto é feito com aqueles fios de plástico que prendem na pele, cada cadeira de uma cor diferente, azul, laranja, vermelha. O bairro era uma comunidade, uma verdadeira família para os dois.

Nuco conseguiu uma renda financeira própria montando e vendendo, com um pouco de acréscimo, computadores. Renda que não era suficiente para pagar sua faculdade de Administração de Empresas, mas que lhe garantia alguma liberdade como viajar, curtir umas baladas e comprar maconha, o que ele se recusava a fazer utilizando o dinheiro da mãe, principalmente a última delas. Nuco começou a fumar com dezoito anos e se adaptou muito bem com a cannabis. Foi nesse mesmo ano que Nuco começou as vendas de computadores e o namoro com Ana Cláudia, namoro sério, pois namoro existia desde sua infância junto da vizinha, quando eles costumavam se beijar, escondidos, no Gato Mia. Gato Mia, para quem não sabe, é aquela brincadeira na qual a molecada entra no quarto, apaga a luz e aí é só alegria, pelo menos nas turminhas mais avançadas é assim que funciona. A vida do rapaz estava muito boa, as vendas cresciam e ele já tinha a confiança de alguns clientes, o que o levou a planejar abrir uma pequena loja no ramo, no fim deste ano que era,

também, o último de sua faculdade.

De um tempo para cá, Nuco começou a contar muito de seus planos, seus amigos, namorada, estudos, para sua mãe, assunto que a deixava muito contente por acompanhar o crescimento de seu filho. Contudo, tinha um assunto que Nuco não conseguia conversar com dona Eunice. Maconha. A véinha, como ele a chamava, era um tanto puritana. Considerava a erva como algo do Capeta, apesar de não ser religiosa. Várias vezes demonstrou seu repúdio ao ver alguma matéria jornalística, ou quando falava de algum aluno que, segundo ela, jamais aprenderia análise sintática, pois entrava com os olhos tão fechados na sala, que nem a lousa via. Nuco entendia a postura da mãe, afinal, era o conhecimento dela sobre a droga, conhecimento que ele respeitava. Essa situação incomodava Nuco, pois ele sentia vontade de discutir com a mãe o assunto, para, assim, não encarar o que fazia como um erro e uma infantilidade. Os dois eram responsáveis, eles conseguiriam conversar, pensava ele. Assim seria, mas como eu disse, a vida nos proporciona mudanças inesperadas. Mudanças tais que valem a pena serem narradas.

Eunuco foi comprar um jornal na banca e, do nada, do nada não, porque nem o nada é do nada, ele viu o que poderia ser a resposta para sua situação desconfortável. Uma tiragem especial de uma revista científica respeitada sobre a maconha. Comprou e, depois de ler, descobriu a história da droga, descobriu coisas importantes como a afirmação de que a maconha tem a metade dos índices de dependência comparada ao álcool, de que a droga faz mal sim, mas que é um mal que poderia ser diminuído muito se houvesse um uso legítimo, bem como o seu poder medicinal, coisas que ele nos contou com orgulho por ter conhecido, e que poderia utilizar como argumento com sua mãe. Nós bem que aconselhamos ele a não falar nada; que a idéia poderia não dar muito certo, mas sou obrigado a admitir que às vezes me surpreende a capacidade persuasiva dos livros e das palavras. Portanto, não usem esses pequenos argumentos que eu citei sobre a maconha para justificar o seu uso. Procurem ler para criar seus próprios argumentos.

A cena se passou, mais ou menos, dessa forma. Dona Eunice estava tomando seu café da manhã, cortando um mamão, enquanto Nuco se sentou e preparou um café com leite. Ela estava ouvindo uma MPB que vinha de um radinho da cozinha. Nuco pediu para ela lhe passar a manteiga.



Dona Eunice:  
- Quer mamão?

Nuco:  
- Eu fumo maconha!

Um silêncio um tanto cruel ficou entre a manteiga, o mamão e os dois.

O que se passou, depois da queda da faca da mão de dona Eunice, foi uma disputada discussão na qual ela fez perguntas do tipo, você tá devendo dinheiro para traficante? você é viciado nessa porcaria? você ainda consegue raciocinar contas de álgebra? e o menino, ainda relutante, só conseguia responder um não seco àquele bombardeio de questões. Chegaram à conclusão de que dona Eunice leria o livro sobre a maconha e que, então, eles conversariam, mas que antes disso, Nuco não chegaria perto da droga. Ele só fez um pedido, para que ela lesse rápido. Conseguiu, por sorte, desviar do mamão que lhe foi arremessado em direção à cabeça.

Agora é que começa a estória, pelo menos para mim. Tenho percebido que eu posso me sentar e escrever palavras desconexas, uma ao lado da outra; certamente, eu teria um texto, alguns autores que eu leio fazem isso. Contudo, isso seria muito chato e, se você não escreve curtindo, então não perca seu tempo, sua narrativa será chata e seu texto, também. Quase caem lágrimas de meus olhos quando percebo que sou privilegiado em poder contar os acontecimentos que me foram narrados e, agora, sou eu que tento torná-los o mais realista possível para todos vocês. Dois dias

se passaram normalmente. Tudo rotineiro. Dona Eunice foi dar suas aulas e Nuco seguia com sua vidinha marota sem maconha. Então, novamente no café da manhã e, dessa vez, sem mamão na mesa, Nuco se arrisca em perguntar.

Nuco:

- E então, mãe? Começou a ler o livro?

Dona Eunice:

- Até que o começo está interessante. Nem sabia que maconha tinha uma história.

Dona Eunice dá uma golada no café.

Nuco:

- Eu falei para você! A gente não pode ir tirando conclusões sem pesquisar, sem ler.

Dona Eunice:

- Eu não conclui nada ainda! Fique longe dessa coisa maldita.

Quando nós ouvimos o que se passava com Nuco no futebol que costumávamos tirar todo sábado, mais para fugir da city, curtir uma piscina e fumar um, foi a maior zoação com o cara. Confesso que nós não íamos acreditar nele se Aninha não confirmasse que estava, um dia desses, vendo tevê com dona Eunice, e ficou espantada ao vê-la contestar uma prisão de uns jovens que estavam dando uma bolinha. Nuco até saiu da abstinência, com nosso apoio, pois considerava um progresso tremendo os papos que andava levando com sua mãe e, a gente tinha que admitir, o cara merecia. Contudo, foi na volta deste mesmo churrasco que Eunuco, nosso conhecido Nuco, teria uma surpresa que mudaria o cotidiano daquela casa. Não me prendo aqui em esticar a narrativa, pois você, leitor precoce, já deve estar se achando esperto, imaginando o que iria acontecer. Pois foi isso mesmo que aconteceu!

Nuco entrou em sua casa e viu sua mãe, sentada no sofá, assistindo um desenho do Tom e Jerry. Seus olhinhos, os dela, estavam brilhando, e ela estava com um sorriso inconfundível no rosto. O menino sentou-se, analisou um pouco a cena, e não sabia o que dizer, confesso que eu também não saberia. Dona Eunice, então, resolve cortar o silêncio.

Dona Eunice:

- Esse desenho é muito bom, filho. Muito bom!

Nuco:

- Mãe. Você está chapada?

Dona Eunice:

- Ah, eu tinha que provar para entender o que você me dizia, e para saber se o que eu lia era verdade.

Nuco leva as mãos à cabeça e tenta assimilar o acontecimento que presencia.

Nuco:

- Você tá ligada que você não pode fazer isso né, mãe?

Dona Eunice:

- Nossa, escuta o som desse desenho, que estranho filho! Olha o som da

panelada no rato. Parece o mesmo de quando eu sentava a chinela em você, hahaha. O que você me perguntou, filho?

Nuco:

- Nada, daqui a pouco a gente conversa, eu vou pegar algum refresco na geladeira.

O coitado já estava um tanto desnorteado, mas ficou pior quando abriu a geladeira e se deparou com um quite larica comprado pela sua própria mãe. Estavam lá, na sua frente, duas latas de leite condensado, um pote de dois litros de sorvete de creme e uma tubaína. Não bastasse isso, a velha era profissional, há de se dizer, havia dois pacotes de bolacha sobre a mesinha da cozinha. Um de maizena e outro daqueles toscos, coloridos, de chocolate. O menino pira.

Nuco:

- Você não fez almoço, mãe? E todas essas porcarias aqui?

Dona Eunice:

- Ah... eu não estava com vontade de cozinhar. Então, fui ao mercado e comprei umas coisinhas que me deu vontade de comer. Experimenta a maizena com o sorvete, fica uma delícia.

O menino pega o pote de sorvete que está derretendo na geladeira, segue desorientado para sala enquanto diz:

Nuco:

- Olha isso, mãe? O sorvete derretendo, sujando toda a geladeira. Mãe, isso vai ter que mudar, vai ter que mudar já!

Dona Eunice:

- Filho, calma, é só um sorvetinho. Isso eu limpo em um segundo. Um não, meio. Vem ver desenho e fica calmo.

Nuco volta para cozinha com o sorvete na mão. Vê as bolachas. Aquela cena toda se passando em sua cabeça. Ele acabara de criar um monstro. Um monstro com habilidades domésticas e que fazia um bolo de cenoura com cobertura de chocolate como ninguém. Ele até tentou contornar a situação, se acalmar, que mal podia haver naquilo tudo. Agora sua mãe fumava, muitos de seus amigos curtiriam a situação. Não, ninguém curtiria! Aquilo sim era um pesadelo, um pesadelo digno de ser contado, um pesadelo como poucos; juro que nem ri muito quando ele nos pediu conselhos e, nós, pedindo para ir visitar Dona Eunice, pois, se o bolo já era bom, imagina com maconha.

Dona Eunice, no momento, quer comprar uma moto. Justo ela que tinha pavor de motocicleta. Ela explica que é só para sentir a mesma brisa que ela sente entrando pela janela enquanto assiste tevê. Eunuco tenta conter as idéias de sua mãe, mas eu realmente acredito que essa professora de Gramática jamais irá voltar à rotina, muito menos, se for para voltar consciente. No momento, é tudo que eu sei. Eu disse como a vida pode ser realmente interessante, não disse? Agora, eu vou curtir um bolo de cenoura, com uma deliciosa cobertura, mandado especialmente para mim por dona Eunice. Eu amo essa véinha!

To Be Continued..... (quando?... eu nem imagino!)